

AS REPRESENTAÇÕES DA ADÚLTERA NOS ENREDOS DA LITERATURA DE CORDEL NA PARAÍBA DOS ANOS 1920 E 1930.

Andrêssa Livanilde da Silva*

Resumo: O objetivo deste artigo visa analisar os cordéis a fim de discutir os estereótipos produzidos sobre a adúltera nas décadas de 20 e 30 do século XX, período esse marcado por um certo discurso de “modernidade” na Paraíba. Também iremos problematizar como essas representações, produzidas nos cordéis, sobre a adúltera reforçam ou rompem com outros discursos (jurídicos, religiosos). Além disso, é importante analisar que as representações construídas a partir desses discursos sobre a mulher adúltera na Paraíba se defronta com outros discursos presentes na sociedade paraibana da época, por exemplo, o cotidiano dos populares em que casos de infidelidade eram bem comuns. Assim, o trabalho se faz importante por promover um diálogo com os estudos de gênero envolvendo a sociedade paraibana.

Palavra - Chave: Literatura de Cordel. Representação. Adúltera. Gênero.

Introdução

Na passagem do século XIX para o XX, vemos a mulher inserir-se no espaço da escrita impressa, sendo ela autora ou objeto da escrita. Essa escrita vem dar intensidade as percepções de gênero, permitindo que o feminino venha ocupar lugares mais amplos na sociedade. Neste artigo, iremos analisar as representações sobre as mulheres, enfatizando a personagem da adúltera, a partir da Literatura de Cordel. Os cordéis que serão estudados datam das décadas de 1920 e 1930, período que está marcado por certo discurso de “modernidade” na sociedade paraibana. Para isso, pensaremos o cordel como um “acervo” de representações do pensamento de seu criador (cordelista), ou do contexto em que este vive perante o objeto descrito (mulher) em seus versos. Os cordéis nos fornecerão a análise dos estereótipos produzidos sobre a mulher infiel. O que é proposto através dessa análise será pensar na possibilidade de que as representações sobre a adúltera reforçam ou rompem com os demais discursos presentes na sociedade paraibana. Enfatizando também a importância do cordel ser um instrumento mediador da oralidade e da escrita. Um documento tão importante quanto outro qualquer para pesquisa.

* Graduanda na Universidade Federal de Campina Grande/CFP (Campus de Cajazeiras). Discente do curso de Licenciatura Plena em História

Literatura de Cordel

Inspirado e enriquecido de uma poética literária, o cordel pode ser considerado muito mais que uma manifestação da cultura popular nordestina. Pode ser considerado uma rica fonte de informação e atualmente vem se tornando também uma grande e diversa fonte de pesquisa para várias áreas como a sociologia, antropologia, literatura e principalmente para a história. Para a história, sua importância está baseada no fato de que a Literatura de Cordel “vem testemunhando fatos e acontecimentos que revelam a preocupação dos poetas, leitores e ouvintes com o mundo ao seu redor” (GRILLO, 2007: 124). O cordel, então, se apresenta como uma rica fonte de informação e pesquisa.

As narrativas de eventos sociais, políticos, econômicos e acontecimentos históricos descritos no momento em que estão acontecendo ou em um período que ainda se faz ressoar o acontecimento, apontam o cordel como um “produto cultural imediato”. Seus enredos são produzidos em meio aos fatos históricos traduzindo, assim, o pensamento daqueles que o estão vivenciando e servindo como um veículo para expor críticas e imaginário de seus produtores: os cordelistas.

Pode-se considerar também, o cordel como “uma literatura que une o artesanato ao fenômeno social por que, na verdade resgata os aspectos vivos do mundo” (LIMA, 2006: 41), e através de sua linguagem simples, ela comunica-se com o povo e permite e facilita a informação. O cordel também “ocupa um espaço de criação que deve ser percebido em vários níveis: o simbólico, o artístico, o lingüístico, o social, o político, o econômico, especialmente o histórico” (GRILLO, 2007: 124). O que ressalta ainda mais sua importância como documento de pesquisa para a história.

Dentre os diversos temas abordados na literatura de cordel, a mulher tem sido um personagem recorrente nas narrativas, seja como personagem ou como ilustração de capa, de diversas formas são apontadas. Destacando-se ora por sua promiscuidade, sexualidade, astúcia ora por sua bondade, pureza, coragem, bravura. Diversas são as personagens descritas no cordel: donzelas, heroínas, domésticas, prostitutas, “mulheres de casa”, “mulheres da rua”. Enfim, desfila pelas narrativas de cordel um amplo contingente de personagens femininas. E dentre as diversas personagens femininas, este trabalho enfatizará a personagem da adúltera.

Infidelidade Feminina

Atualmente, a temática da infidelidade feminina vem sendo discutida e abordada tanto em trabalhos acadêmicos, textos jornalísticos, obras literárias, produções cinematográficas, músicas, novelas e em diversos sites e blogs na internet. E é vista geralmente como um tema banalizado, ridicularizado e, por vezes, carregado de chacotas humorísticas. No ano de 2009, a novela *Caminho das Índias* vem abordar esta discussão sobre a infidelidade feminina por um viés mais humorístico, tendo Norminha como a adúltera e Abel representando o “corno manso”, aquele que foi traído e que se deixava “dobrar pela própria esposa”.

Porém, nem sempre a infidelidade feminina foi vista como um tema banal, ao contrário. Nas décadas de 1920 e 1930, surge um discurso de “ameaça” a moral familiar e social, sendo ele abordado em jornais e revistas da época (*A União* e *A Nova Era*, por exemplo).

Socorro Cipriano retrata bem este ponto em sua dissertação “A adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do séc. XX” em que ela faz um estudo sobre a infidelidade feminina nas amplas relações sociais e nas relações de infidelidade vivenciadas tanto no âmbito social como também no espaço da política, da moda, da vigilância dos espaços públicos, no controle sobre o “novo” comportamento feminino trazido pelo discurso de “modernidade” e nos outros discursos (jurídicos, religiosos, médicos) presentes nessa sociedade.

Assim, o adultério descrito por um discurso masculino, no território da Paraíba das décadas de 1920 1930, foi visto como

Uma das práticas mais nocivas entre os males sociais: a degeneração da família, a desonra masculina, o desvirtuamento dos filhos, futuros cidadãos e, por sua vez, a destruição da Pátria, a partir de uma traição generalizada. (CIPRIANO, 2002: 3)

Esse discurso masculino sobre a infidelidade feminina está imbuído de uma idéia de “ameaça” não só no âmbito doméstico, mas em todo âmbito social. Será que esse discurso dito “masculino” ressoa em toda sociedade? Será que os cordelistas também proferem um discurso colocando a mulher infiel como um perigo à ordem moral familiar e social?

Esses discursos proferidos por diversas instituições da sociedade paraibana apontam à modernidade como o fator que contribuiu para a desvirtualização da família, segundo Socorro Cipriano. Mas seriam mesmo os “novos tempos” que teria provocado à desmoralização dos antigos costumes?

Pensar a modernidade na sociedade paraibana de 1920 e 1930 é pensar na chegada de novos conceitos, novos comportamentos, novas posturas. Mudanças que, possivelmente, não encontrariam um terreno aberto, e que nem sempre traria agrado a todas as pessoas, mas que também não recorriam apenas em riscos e reprovações da “nova” conduta feminina. A partir disso, poderemos pensar: será mesmo que essa “modernidade” adicionou e/ou trouxe os fatores de irradiação de uma má conduta feminina? Foi à modernidade que levou a mulher a desrespeitar os valores familiares?. De acordo, com as autoridades paraibanas (jurídicas, médicas, sanitaristas) e de grupos mais conservadores, parece que sim, como justificativa eles apontam à modernização e a família burguesa, como os responsáveis pelo desligamento dos antigos costumes. Entretanto, é preciso considerar que mesmo que alguns grupos conservadores apontem que a família burguesa tenha se desvirtuado, ela ainda manterá um discurso de moralidade em seus valores.

O espaço público e o espaço do lar será, também, foco de discussões que mencionam sobre o feminino na Paraíba dita “moderna”. Fábio Gutemberg afirma que “alguns estudos de gênero ou estudos sobre as mulheres costumam enfatizar os perigos e limites da circulação das mulheres pela cidade” (GUTMBERG, 2005:20). Ademais, essa discussão se mostrará quase sempre presente quando alguns dos valores familiares forem rompidos.

De acordo com um discurso masculino da época, à mulher era direcionada a responsabilidade de “sustentar” a família moralmente e socialmente, mas a partir do ganho do espaço na sociedade poria em risco a noção de fidelidade. Era importante, então, que a mulher se visse apenas como “responsável do lar e pela família (...) convencê-la de que a maternidade é sua vocação natural, e enfatizando a valorização do casamento higiênico, que garantiria o êxito das relações familiares, garantindo a saúde do corpo social”. Vemos nisso, que o ganho do espaço público apontaria uma preocupação com a infidelidade, preocupação essa que atingiria outros níveis da sociedade além do da honra masculina. (CIPRIANO, 2002: XVII).

Várias são as visões que foram produzidas sobre o adultério feminino. Discursos, por vezes, antagônicos entre si. Um dos objetivos da minha pesquisa será analisar os discursos produzidos sobre o adultério, principalmente o discurso que o colocava como constante

ameaça a honra familiar. Para isso, é preciso analisar os outros discursos sobre a infidelidade feminina, de onde e por quem esses discursos foram construídos.

Primeiramente, devemos frisar que alguns dos discursos sobre a mulher, não foi dirigido apenas por um discurso masculino. Mas por um discurso “dito” masculino e fortalecido pela concordância de algumas mulheres, ou seja, o discurso que colocava a “mulher de família”, aquela que respeita seu casamento e vive para o marido e para os filhos, pode sim ter sido proferido por um discurso masculino, mas torna-se parte do pensamento de algumas mulheres na sociedade paraibana.

Alômia Abrantes em artigo¹ “Escritas e inscritas: mulheres na imprensa dos anos 1920” cita Eudésia Vieira, diplomada professora, formada em medicina, no ano de 1934, dedicando-se a ginecologia e obstetrícia, tendo participado também da imprensa paraibana com a publicação de artigos de sua autoria nas revistas da época (A União e a Nova Era, por exemplo), que se mostra como uma mulher que conseguiu um lugar no espaço público e tinha uma certa autonomia na sociedade da época, mesmo que este espaço fosse negado a algumas mulheres. Eudésia ultrapassa os “limites do lar” tendo uma profissão.

No artigo *A Mulher*², Eudésia descreve três tipos de mulher, que são fragmentos da Eva que, visualizada por ela, é uma síntese de toda obra divina. Este espírito divinizado da mulher se fragmenta e multiplica-se em tipos diversos e até mesmo antagônicos entre si. Essa fragmentação é provocada pelo reflexo do desvirtuamento do homem, pois alguns deles se tornaram incapazes de valorizar as qualidades de sua companheira. O sofrimento causado por essa desvalorização, pela falta de reconhecimento é o motivo de ter surgido outras condutas femininas, que se distanciam da primeira e modelar Eva por ela descrita.

Uma dessas condutas femininas, ela descreve na personagem das “melindrosas” do seu tempo, sendo descritas como escravas da moda e do luxo, personagem que esbanja sedução. Esta imagem de mulher ocupa o lugar de ameaça tanto para si própria como coloca em questão a moral, a honra da família e a sua própria. Há também uma segunda conduta, as “sufragistas”, é a imagem das mulheres revoltadas que procuram abafar seus padecimentos e se colocam como rivais do homem ou mesmo sua antagonistas, mas não sua companheira. É aquela que assume suas reivindicações feministas da época e buscam repelir ou enfrentar o

¹ Ver ABRANTES, Alômia; NETO, Martinho Guedes dos Santos. Outras Histórias: Cultura e Poder na Paraíba (1889-1930). Editora Universitária da UFPB, João Pessoa, 2010, pp. 123-155.

² Artigo publicado na revista Era Nova de 15/04/1992. Ver ABRANTES, Alômia, 2010, pp. 96 e posteriores.

homem. Para Eudésia, há um perfil desejável para mulher, é aquela que é consciente do seu “dever” e papel de mãe e esposa, mas que não se furta aos desafios da contemporaneidade. Buscando a autonomia em seu comportamento.

O que se pode perceber, é que Eudésia tem em sua mentalidade um discurso parecido com o que é difundido por alguns homens da época, e não diferente do discurso de alguns dos cordelistas, em que colocam a mulher como a responsável por respeitar seu papel de mãe e esposa, preocupada com a moral e honra da sua família, porém, ela ressalta a importância da mulher ter e/ou querer também sua autonomia, principalmente no campo do trabalho.

Nos cordéis, a imagem produzida pelos cordelistas sobre a mulher não se diferencia tanto dessa idéia. Perceberemos que a descrição feita da mulher, no cordel, gira em torno ora de uma imagem idealizada que a diviniza e a aproxima da pureza de Maria, ou então encontramos a personagem mais próxima de Eva e Maria Madalena que esbanja erotismo, sensualidade, astúcia e que seduz os que delas se aproximam. Transportando - a um imaginário específico. É importante ressaltar que, o cordelista não inventa posições (denominações) para a mulher, ele apenas (re) trata um estereótipo construído ao longo dos séculos e por ele herdado.

Grillo cita que “as personagens femininas aparecem geralmente com características bastante diversas, de modo que a forma de tratamento que lhes é dada nos indica a presença de valores dominantes com respeito à ordem moral, social e mística do período estudado” e que “de acordo com alguns autores dos folhetos analisados, as mulheres são inseridas em determinados modelos por intermédio dos comportamentos e atitudes que lhes são atribuídos” (GRILLO, 2007:124).

Alguns cordéis trazem a mulher descrita como “símbolo da carne”, sexo e nudez. Tais descrições remetem-se ao pecado original, ou seja, a mulher sensual e ardilosa, que se aproxima a Eva, culpabilizada do homem em cair em tentação e cometer o pecado, e a Maria Madalena, uma prostituta que se arrepende de seus atos. Outrora, a mulher estava a ser comparada a Maria, quando ela respeita seu marido, e se designava a seguir apenas seu propósito que, de acordo com alguns discursos masculinos, era o de ser uma boa esposa, obediente, que só vivia para sua família, cuidando das crianças e cuidando para a satisfação e tranquilidade de seu marido. Assim seria a mulher recatada, que não anda mostrando as partes do seu corpo e nem se mostrando muito indiscreta na frente das pessoas e permanecendo fiel ao seu marido.

Esse estudo vai analisar principalmente os discursos sobre a adúltera na literatura de cordel, produzidos no Nordeste, dando ênfase a Paraíba das décadas de 1920 e 1930.

A questão do adultério está quase sempre presente nos folhetos de cordel. No olhar de alguns cordelistas, o adultério feminino corrobora para a depreciação, desvalorização do sexo masculino. É indicado ou representado, geralmente como agravo, por ferir os direitos “sagrados” do marido.

Os direcionamentos da minha pesquisa será promover um dialogo das produções cordelísticas com os discursos e relações de gênero. Analisar como os cordéis produzem um determinado tipo de mulher que poderia não corresponder ao resto da sociedade ou que poderia confirmar os anseios sociais. Para isso, é preciso fazer a discussão do que é ser mulher? Como as discussões de gênero colocam essa questão? Como as representações da adúltera rompem ou reforçam com as identidades de gênero? Como estão baseadas as relações de gênero com o cordel?

Considerações Finais

A temática do adultério feminino está sendo constantemente discutida na sociedade. Através da mídia (novelas, músicas, filmes, internet) vemos diversos discursos dirigidos a infidelidade feminina. Meu trabalho estará analisando alguns desses discursos, principalmente através dos cordéis.

Sendo que o objetivo principal da pesquisa será analisar as representações produzidas nos cordéis sobre a personagem da adúltera nos anos de 1920 e 1930 na Paraíba, minha problemática será, então, analisar se essas representações produzidas sobre a mulher infiel reforçam ou rompem com os outros discursos (jurídicos, médicos, juristas) da sociedade da época. Para isso, é preciso apontar também como aparece as relações de gênero nos cordéis.

Enfim, está ainda é uma pesquisa em andamento, onde utilizarei o cordel como documentação para pesquisa e me atendo principalmente a uma análise de discurso e a (re) produção de representações culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Alômia. **Escritas e inscritas**: Mulheres na imprensa dos anos 1920. In: *Outras Histórias: Cultura e Poder na Paraíba (1889-1930)*. Editora Universitária da UFPB. João Pessoa, 2010. pp.89-113.

CIPRIANO, M. S. **A adúltera no Território da Infidelidade**: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX. 2002. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2002.

GRILLO, M. A. F. **Evas ou Marias? As mulheres na Literatura de Cordel**: Preconceitos e Estereótipos. *Revistas Esboços*. UFSC. V. 14, N°. 17, pp. 123-155. 2007.

LIMA, C. G. O. **A Mulher na Literatura de Cordel**: uma abordagem léxico-semântica. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2006.

SOUSA, F. G. R. B de. **Na casa e... na rua**: cartografias das mulheres na cidade (Campina Grande, 1930-1945). *Cadernos pagu* (24), pp. 153-174, jan/junh. 2005.